

UM CASO DE DEFINITUDE

GISELLE MACHLINE DE O. E SILVA

1- INTRODUÇÃO

Este trabalho visa ao estudo da “definitude” (*definiteness*) através do comportamento do uso variável do possessivo de terceira pessoa (*seu - dele*):

Pelé teve *seus* momentos bom. (C190751)¹
Ele sabe que os filhos *dela* saíram. (C271927)

De fato, já havia sido notado (Silva, 1982) que um possuidor, então chamado, de modo vago, de “indefinido”, fomentava a forma *seu* (e suas flexões).

Todo mundo teve que ir requerer as *suas* luzi, né?(C040177)

Pelo contrário, a total definição do possuidor inibia quase totalmente essa forma *seu*.

(falando da cantora Gretchen) *Ela* agita a música *dela*, sabe?(C64252)

Naquela ocasião, embora entendêssemos que o termo “indefinição” era impreciso e que mereceria maior detalhamento, julgou-se oportuno adiar aprofundamento dessa variável, já que o foco era outro. Então se pensava, por exemplo, na existência ou não de referência, especificidade e concretude do possuidor, porém a taxa demasiadamente pequena da variante *seu* no *corpus* utilizado (*Censo da Variação na Cidade do Rio de Janeiro*), não permitiu tal pulverização dos dados. Com efeito, se tivermos apenas 24 dados, por exemplo, e duas variáveis, e se admitirmos que os dados se repetem igualmente pelas duas variáveis, então teremos 12 para cada uma. Se tivermos seis variáveis, teremos apenas quatro dados, o que é estatisticamente irrelevante. Para sanar tal problema, incluímos no *corpus* entrevistas do NURC do Rio de Janeiro² e de São Paulo, assim como entrevistas do *corpus* Competência Básica (MOBRAL),³ após constatar

Giselle Machline de O. e Silva. Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pesquisadora-Bolsista do CNPq

¹ A codificação para os exemplos segue o seguinte critério: NSP: NURC São Paulo; NR: NURC Rio; C: Censo; M: Mobral.

Os números são respectivamente os do entrevistado, da entrevista e da página.

² Agradecemos a Dinah Callou a cessão dessas entrevistas no Rio de Janeiro e à equipe do NURC de São Paulo a publicação das de São Paulo.

³ Esse *corpus* encontra-se sob a custódia de PEUL.

que o comportamento desses *corpora* não divergia qualitativamente. É, pois, esse *corpus* ampliado que permitiu o conseqüente aprofundamento da variável “definição”.

2 - METODOLOGIA

No presente trabalho, foram utilizados os dados dos adultos do *Corpus Censo*, já amplamente descrito, inclusive no *Relatório Censo 1986*. Nesse *corpus*, não constavam universitários porque já havia um outro relativo a essa classe (NURC) à disposição da comunidade lingüística nacional quando pronto.

Dos vários sub-*corpora* que o projeto NURC elaborou, correspondentes a várias cidades do Brasil, foram utilizadas as seis entrevistas de São Paulo (1987), únicas então a nossa disposição e posteriormente mais 24 das que foram emprestadas pelo NURC do Rio de Janeiro. Do MOBRAL, foi necessário analisar maior número de dados, pois os relativos à forma *seu* eram mais raros. Essas entrevistas do MOBRAL correspondem a 18 falantes, mas as que estavam disponíveis não estão bem distribuídas quanto ao sexo e idade. A subamostra do NURC, pelo contrário, está bem estratificada de acordo com os do Censo, com a restrição de que não possui a faixa etária de 15 a 24 anos.

2.1 - Dados descartados

Do *Corpus Censo*, somente foram utilizados os adultos, já que as crianças usaram quase categoricamente a forma *dele* (foram encontrados apenas 2 *seu* versus 281 *dele*, que serão discutidos posteriormente). Foram eliminados também todos os *seu* que não eram nitidamente de terceira pessoa.

E Como se joga *hand-ball*?

F Você pega a bola. Aí joga para o - a *sua* equipe. (C56055)

E Você estava a fim dela? (da garota)

F Amigo tava sim, né.

Você tava um pouquinho a fim, né, poxa, o *seu* jeito, né. (M14711)

Não foram levadas em consideração as expressões idiomáticas: “ter seus x anos” e “estar na sua”.

Como tem pessoas mesmo o que? dos seus sessenta e tantos anos, aprendendo. (M067208)

... tô aí, né, pra ver qual é a *dele*. (M20608)

Tampouco foram computadas as formas *dele*, quando não equivaliam claramente a uma forma possessiva:

Tinha um gato preto perto *dela*. (NSP51)
Comprei essa casinha *dele*. (M02503)

Não foram computados dados “em série”, isto é, dados seguidos, com a mesma codificação. Em tais casos, só o primeiro possessivo foi computado.

A gente que vai usar às vezes *seu* conhecimento ou *seu* poder econômico. (NR 111240)

O fato de ter eliminado os dados subseqüentes de uma série, deve-se à observação, de Silva (1982), de que nesses casos não há dependência de formas: se o falante escolher a forma *seu* como primeiro elemento da série, usará categoricamente a mesma nas seguintes.

A Argentina, a economia *dela* está acabada, está muito ruim e procurando desenvolver e dar um pouquinho de oxigenação à *sua* economia. (NR1113)

Entretanto, quando os possuidores, embora fisicamente seguidos, variavam quanto ao referente, o segundo foi considerado.

A TV Globo tem uma linha política *dela* e a Bandeirante também, né? Cada um tem *sua* linha. (C450740)

2.2 - Descrição das variáveis

Em Silva (1982), estudando *corpora* escritos, onde é muito mais freqüente a forma *seu* do que em *corpora* orais, havia sido verificado que, na variação entre essa forma e a forma *dele*, estariam principalmente envolvidos fatores que têm por propriedade minimizar a ambigüidade causada pelas múltiplas aplicações da forma *seu* em português (2ª e 3ª pessoa do singular e do plural). Aqui, portanto, só serão abordadas variáveis que digam respeito a definitude.

O problema ocasionado pelo fato de o possuidor ser humano ou não, como “o *mecânico* trouxe as válvulas *dele* ou não”; “a *televisão* enguiçou e *suas* válvulas quebraram”, já havia sido também estudado. Constatou-se que o fato de o possuidor ser humano favorecia muito o uso da forma *seu* nos séculos XV, XVI e XVII. Essa obrigação era tão severa que, quando, referindo-se a possuidores humanos, houvesse alguma ambigüidade a ser esclarecida, o falante acrescentava a forma *dele* para desambigüização, sem, todavia, poder omitir a forma *seu*, única digna de humanos. Aparecia, então, a famosa expressão dita pleonástica **seu...dele**.

No século XVIII, por motivos ignorados, houve uma alteração total desse comportamento, e a forma *dele* passou a ser preferentemente atribuída a humanos, enquanto a forma *seu* era atribuída a objetos. A bibliografia que diz respeito ao pronome pessoal *ele* (Jensen, 1973; Mollica, 1977; Omena, 1978) confirma o maior uso de *ele* do que sua ausência para humanos.

Notamos, porém, embora não nos tivéssemos debruçado então sobre esta peculiaridade, que havia maior flutuação de uso quando o possuidor era semanticamente composto de humanos, embora a forma lexical fosse representativa de objeto (o clube, a repartição, o governo). Chamou atenção também, nesse caso, flutuação de concordância, demonstrando que, embora o possuidor fosse normalmente o conjunto, eram freqüentemente considerados, para a escolha da forma, os elementos desse conjunto.

(falando da *escola de samba*) a roupa tem que estar combinando com o enredo *deles*. (C42119)

Agora o que eu aprecio na juventude de hoje é que *elas* enfrentam o trabalho para ganhar seu dinheirinho. (C48120)

Parece claro, pois, haver uma hesitação entre considerar, como referente do possessivo, o conjunto ou os elementos desse conjunto.

A atual codificação desse fator dependeu do seu significado, pois a mesma palavra podia se referir à instituição que representava um grupo ou simplesmente a um objeto, como se exemplifica abaixo, com a palavra *igreja*:

Até uma certa época a *igreja* foi essencialmente conservadora, né? E a sua sobrevivência é, justamente, uma consequência da *sua* capacidade de ser conservadora. (NR7604)

Aí você entra na própria nave da *igreja*, que é de uma verticalidade, assim, bem surpreendente pra pro estilo *dela*, né? (NR708)

Possuidores animais comportaram-se de modo intermediário, mais perto todavia de humanos do que de objetos, o que fez concluir que era o traço [+ animado] que fomentava a forma *seu* (cf. Silva 1982).

Ficaram, pois, como seguem os fatores desses grupos:

HUMANOS

Roberto Carlos... no seu tempo de tenor. (C130213)

CONJUNTO INANIMADO
COM ELEMENTOS
HUMANOS

A nossa família sempre se caracterizou... pelo espírito de cooperação de todos os seus membros. (NR1167)

INANIMADOS

Aluguei um apartamento lá... eu acho que o maior defeito dele é ter papel de parede velhíssimo. (NR 1827)

ANIMAIS

A cadela cuidava de seus filhos? (C38015)

A hipótese subjacente era que se os humanos favorecem a forma *dele* e os objetos, a forma *seu*, o grupo de humanos seria intermediário, já que ora seria considerado como um, ora como outro.

Em Silva (1982), havia sido encontrado inicialmente um fator categórico, chamado grosseiramente de “indefinição” do possuidor, quando então era sempre usada a forma *seu* como em: “*Todos* vão para *seus* lugares”, contrastando com a “especificidade” do possuidor em “João vai ao lugar dele”. Esse categórico uso de *seu* em contextos “indefinidos” foi constante tanto nos *corpora* antigos (0/41 nos séculos XV a XVII, 0/39 nos séculos XVII a XX em Portugal e 0/20 nos séculos XVII a XIX no Brasil), quanto nos contemporâneos (0/20 no *corpus* oral e 0/22, no escrito).

Posteriormente analisando os dados do *Censo*, pareceu haver uma gradação entre os fatores totalmente generalizados ou indefinidos (hesitávamos quanto ao rótulo) e os completamente definidos e/ou específicos que, pelo contrário, propiciavam a forma *dele*. Não foi possível detalhar essa variável como seria desejável em vista do demasiadamente pequeno número de formas *seu* encontradas, o que pulverizaria os resultados, tornando-os inconfiáveis.

Assim, tínhamos postulado a seqüência:

Possuidor		Frequência
totalmente geral (todos, qualquer um)	66/66	100%
formalmente indefinido, não referencial (um cara, mulher...)	13/23	56,52%
formalmente definido, não referencial (o cara, o ser humano...)	17/110	15,45%
grupo definido, referencial, de tamanho ilimitado (os padres, as crianças)	3/46	6,52%
idem, de tamanho limitado (meus netos, meus alunos)	2/40	5,00%
totalmente definido (nome próprio, etc.)	14/924	1,44%

Agora, com menos células pequenas, já que foram incorporados mais dados, essa variável pôde ser subdividida em várias:

A) Presença do referente

Os numerosos autores que estudaram a definitude segmentaram essa propriedade de modos diversos. Geralmente, estudaram a aplicação dessa propriedade a artigos, e as possibilidades de categorização para essa classe são de certo modo diferentes. Assim, Du Bois (1982) categoriza como não referenciais os seguintes casos:

- 1 – negativo: ninguém
- 2 – compostos: ladrão de *bicicleta*
- 3 – predicativo: ele é um *agrônomo*
- 4 – *conflated object*: tocar *piano*, andar de *bicicleta*.

Ora, verifica-se que, exceto quanto ao primeiro caso, essa categorização não se aplica bem a possuidores; no caso de “ladrão de *bicicleta*”, é o ladrão que poderia possuir algo; dificilmente (não foi encontrado nenhum caso) seria a bicicleta (como num exemplo hipotético “ladrão de *bicicletas* que tenham *seus* aros inteiros”).

Preferiu-se o conceito de referência de Searle (1969), segundo o qual o falante pode, se lhe for pedido, fornecer uma descrição identificadora do objeto. Um exemplo concreto ilustra bem o que se entendeu aqui como referente. Ao fazermos uma entrevista para o nosso *corpus*, Votre e eu sabíamos, pela distribuição de nossa amostra, que teríamos de conseguir contactar um homem idoso (mais de 50 anos), que tivesse 2º Grau completo, num determinado bairro (Inhoaíba). Como o bairro é muito pequeno e se estende ao redor da estação de trem, achávamos fácil conseguir um homem que preenchesse tais características e nos dirigimos a padrões de dois bares, dizendo: “procuramos um homem que tem mais de 50 anos e 2º Grau completo”. Em ambas as vezes, o patrão perguntou “Mas qual é o nome dele?”. Demo-nos conta, então, de que a interpretação dada a nosso enunciado era de que *um homem* tinha um referente e, para evitar tal interpretação, pedimos ao terceiro (que encontramos no caminho e interpelamos): “procuramos um homem que tenha”. Imediatamente, informaram-nos o paradeiro de um homem que correspondia a tal especificação. Essa segunda interpretação, propiciada pelo modo hipotético, fez que *um homem* não mais tivesse referente. Observe-se que ambos os enunciados têm uma forma indefinida e específica. Essa variável ficou, pois, assim distribuída:

COM REFERENTE

Roberto Carlos... no seu tempo de tenor (C130213)

SEM REFERENTE

Em geral, os religiosos todas as sextas-feiras comiam peixe, né?

... E havia mesmo o período de que o indivíduo limitava a sua alimentação, né?(CNR167689)

A hipótese era que os possessivos sem referentes propiciassem a forma *seu*.

B) Especificidade

O específico, que se contrapõe ao não-específico, é uma noção menos sutil de se lidar. Essa noção tem sido muito estudada e há bastante concordância entre os autores que dela fizeram uso.

Assim Du Bois cita como exemplo de específico, “eu vi um menino andando numa bicicleta” e como genérico, “o leão é o rei dos animais”. No primeiro caso, o falante tem um objeto específico em mente – um menino –, embora o ouvinte não seja capaz de identificá-lo – enquanto, no segundo, é o conjunto que está na mente do falante; não há objeto identificável nem por parte do ouvinte nem por parte do falante, já que se trata de qualquer dos elementos daquele conjunto.

Os fatores desse grupo ficaram, pois, como abaixo, e a nossa hipótese era de que o genérico propiciasse a forma *seu*:

ESPECÍFICO ... *o meu pai*, homem de trabalho, pai de sete filhos, lutador para educar os *seus* filhos... (NR1672)

NÃO ESPECÍFICO *A mulher* foi feita para casar, né? pra ter *seus* filho (C301896)

C) Concreto

Ainda diretamente ligado à questão da definitude, está o problema apresentado pelo fato de o referente ser concreto ou abstrato (Cunha, 1976). Achamos, intuitivamente, que uma entidade concreta é mais facilmente limitada, mentalmente visível, identificável, do que um possuidor abstrato, que não tem limites precisos.

O fato de o possuidor ser abstrato deve propiciar, segundo nossa hipótese, a forma *seu*:

CONCRETO ... *asso a carne* só com aquele calorzinho dela (C16078)

ABSTRATO Essa *democracia*... ela tem mostrado *seus* efeitos positivos (NR1672)

D) Forma do referente

Finalmente, colocou-se ainda um grupo de dois fatores que, se não influi, possivelmente com ele coocorre. Trata-se de o referente ser definido semanticamente ou não. Foi incluído esse grupo de fatores para verificar se o falante levava a forma em consideração. Esperava-se que os possuidores com formas indefinidas coocorressem mais com a forma *seu*.

FORMALMENTE INDEFINIDO

Tinha *uma casa* e a gente de pirraça jogava pedra e quebrava o telhado *dela*. (C080632)

FORMALMENTE DEFINIDO

O indivíduo vai procurar uma terapia, o superego *dele* está levando o corpo dele para a terapia. (NS23)

Para o estudo dessa variável, utilizou-se a categorização de Du Bois com pequena divergência. Segundo esse autor, palavras definidas são:

- a) precedidas pelo artigo definido;
- b) pronomes pessoais;
- c) nomes próprios;
- d) precedidas por possessivos e demonstrativos.

E palavras indefinidas são:

- a) nomes contáveis plurais, sem artigos;
- b) precedidas de artigo indefinido ou pronome indefinido;
- c) plurais com numerais.

Ao contrário de Du Bois, plurais com numerais foram considerados aqui palavras definidas. A posse formal é do conjunto, não de cada elemento, e como o tipo de plural foi estudado à parte, pareceu mais acertado considerarem-se definidos casos como:

... tomei conhecimento com *dois animais* lindos, premiados também, bóxeres, e esses pela inteligência *deles*, pela obediência... (NR3915)

Foram considerados indefinidos singulares sem artigo, não mencionados por Du Bois, como:

Mãe que é mãe sempre quer o melhor para *seu* filho. (C180663)

Solteiro tem dessa ... a roupa *dele* é limitada. (C090275)

Nota-se haver bastante superposição de fatores: este último caso de indefinido sempre é genérico; a maioria dos sem referentes também é genérico (a ponto de alguns autores só considerarem a presença ou não de referente). Achamos, entretanto, que a superposição não é total, merecendo fatores à parte.

Além das variáveis lingüísticas, foram controladas as variáveis sociais sexo, faixa etária, grau de instrução e localização geográfica. Pelo fato de ter-se juntado três *corpora*, não houve assim mesmo alteração na distribuição do sexo nem na faixa etária; essa última ficou com os fatores: 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e mais de 50 anos. A variável escolaridade ficou acrescida de curso superior numa extremidade e alfabetizando na outra; as demais são as mesmas do Projeto *Censo* (Primário: de 1 a 4 anos de

instrução, Ginásio: 5 a 8 anos e 2º grau: 9 a 11). Finalmente, apenas para controle de possível (mas não muito provável) interferência, incluiu-se a variável geográfica São Paulo-Rio, pois todos os dados de São Paulo provêm de dados do NURC, enquanto os do Rio se compõem dos *corpora* do NURC, CENSO e MOBRAL.

3 – RESULTADOS

3.1 – Variáveis lingüísticas

As variáveis lingüísticas foram selecionadas com graus de verossimilhança excepcionalmente bons (0,0 ou, no máximo 0,000). Serão, pois, comentados os resultados sem citar sua ordem de seleção.

Foram realizadas quatro análises: Geral, com todos os *corpora*; Censo e NURC do Rio de Janeiro; Censo e NURC de São Paulo e do Rio; *Corpus* Censo isoladamente. Se fosse abundante o número de casos de aplicação da forma *seu*, teria sido preferível fazer análises de cada *corpus* em separado. Foram realizadas essas análises com amalgamações diversas para detectar possíveis diferenças qualitativas ou grandes diferenças quantitativas entre os *corpora*. Como essas diferenças não ocorreram, serão citados aqui apenas os resultados do *corpus* geral, resultante da soma dos demais.

A) Traço [± animado]

Apresentam-se na Tabela 1 os resultados relativos à variável que diz respeito ao grau de “animação” do possuidor.

TABELA 1
Resultados de aplicação da forma *seu* quanto à variável “animação”.

Fatores	Frequência %	Probabilidade
HUMANO	179/2042 = 8,8	,34
INANIMADO	94/145 = 64,8	,80
ANIMAIS	2/17 = 11,8	,24
CONJUNTO INANIMADO, COM ELEMENTOS HUMANOS	20/69 = 29,0	,60

Observa-se que o fator deste grupo que mais fomenta a forma *seu* é o fato de ser o possuidor um objeto (inanimado) e o que mais o inibe é o fato de ser ele humano ou animal (animado). O fator intermediário é constituído por possuidores que, embora gramaticalmente objetos, compõem-se de elementos humanos. Tudo leva a crer que se processa um tipo de anacoluto, já que o falante menciona o conjunto, mas pensa nos

seus constituintes. Nota-se esse encaminhamento no exemplo abaixo, em que o falante cita a escola de samba Beija-Flor como figura e passa a mencionar seus componentes como fundo, finalizando com um possessivo cujo possuído deve ser *componente* tão importante que até rege a formação.

Você vê, *uma Beija-Flor* entra com não sei quantos componentes... e o limite de tempo *deles* são curto. (C421391)

B) Presença de referente

Observam-se na Tabela 2 os resultados da aplicação da forma *seu* quanto ao fato do possuidor ter ou não referente.

TABELA 2
Resultados da aplicação da forma *seu* quanto à presença do referente.

Fatores	Frequência %	Probabilidade
com referente	161/1963 = 8,2	,28
sem referente	134/310 = 43,2	,72

Observa-se a grande força com que o fator Referência inibe a forma *seu*.

C) Especificidade

A especificidade também atua fortemente como se observa na Tabela 3.

TABELA 3
Resultado da aplicação da forma *seu* quanto à especificidade do possuidor

Fatores	Frequência %	Probabilidade
específicos	187/2035 = 9,2	,38
não específicos	108/238 = 45,38	,62

Nota-se que um possuidor genérico tem o dobro de probabilidade de se realizar com a forma *seu* do que um possuidor específico.

D) Grau de abstração

O grau de abstração também fomentou duplamente a forma *seu*, como se vê na Tabela 4.

TABELA 4

Resultados da aplicação da forma *seu* quanto ao grau de abstração do possuidor.

Fatores	Frequência %	Probabilidade
abstratos	23/32 = 71,9	,67
concretos	272/2241 = 12,1	,33

E) Aspecto formal do possuidor

Vê-se, na Tabela 5, o resultado da coocorrência do aspecto formal do possuidor com a aplicação das formas possessivas.

TABELA 5

Resultados da aplicação da forma *seu* quanto ao aspecto formal do possuidor.

Fatores	Frequência %	Probabilidade
formalmente indefinido	94/145 = 64,8	,83
formalmente definido	201/2128 = 9,5	,17

3.2 - Variáveis sociais

Quanto às variáveis sociais, veremos em primeiro lugar a variável geográfica (Tabela 6), que não foi selecionada, mostrando que, embora a porcentagem de São Paulo seja muito mais alta, é causada pela diversidade de composição dos *corpora*, já que o de São Paulo é composto apenas por dados do NURC e o do Rio contém dados provenientes de falantes de todos os níveis de instrução.

TABELA 6

Resultados da aplicação da forma *seu* quanto à origem geográfica do *corpus*.

Fatores	Frequência %	Probabilidade
São Paulo	43/115 = 37,4	,46
Rio de Janeiro	212/1133 = 18,71	,54

O grau de instrução, esse sim, mostrou-se muito relevante como se nota na Tabela 7. Há maior diferença entre o grau superior e os demais, embora havendo também diferença apreciável entre 2º Grau e os demais

e desses com alfabetizando. A antiga divisão entre primário e ginásio não mostra diferença significativa.

TABELA 7

Resultados da aplicação da forma *seu* quanto ao grau de instrução.

Fatores	Frequência %	Probabilidade
Superior	186/406 = 45,8	,88
2º Grau	33/233 = 14,2	,59
"Ginásio"	15/265 = 5,7	,34
"Primário"	22/360 = 6,1	,36
Alfabetizando	39/1009 = 3,9	,26

Não houve diferença significativa de uso entre os sexos: essa variável não foi sequer selecionada, embora as porcentagens sempre mostrassem maior frequência de *seu* em homens.

TABELA 8

Frequência da aplicação da forma *seu* por sexo nos três *corpora*.

<i>Corpora</i>	NURC	CENSO	MOBRAL	GERAL
Sexo				
MULHER	74/194 = 38,1%	31/382 = 7,9%	21/812 = 2,6%	126/1409 = 8,9%
HOMEM	111/221 = 50,2%	39/443 = 8,8%	18/170 = 10,6%	169/864 = 19,6%

A idade (Tabela 9) agiu bastante, se consideramos adultos acima de 25 anos contrapostos aos jovens de 14 a 25 anos. Convém lembrar aqui que as crianças não foram incluídas nessa análise por praticamente não usarem a forma *seu* para a 3ª pessoa (só usaram 2 em 283 possibilidades).

TABELA 9

Resultados da aplicação da forma *seu* quanto à faixa etária com todos os *corpora* amalgamados.

Fatores	Frequência %	Probabilidade
acima de 50 anos	85/465 = 18,3	,57
26 a 49 anos	178/1253 = 14,2	,58
15 a 25 anos	32/555 = 5,8	,36
7 a 14 anos	2/281 = 0,7	—

Convém, porém, examinar com mais detalhe esse resultado, apresentando as várias análises (Tabela 10).

TABELA 10

Resultados da forma *seu* quanto à faixa etária em alguns *corpora*.

	+ de 50 a	26 - 49 a	14 - 25 a
Só CENSO (não selec.)	29/308 = 9,4	29/258 = 11,2	12/266 = 4,5 ,40
CENSO+NURC (só Rio)	67/411 = 16,3 ,52	134/454 = 29,5 ,60	12/278 = 4,3 ,40
CENSO NURC (SP + RJ)	85/448 = 19,0 ,59	153/499 = 30,7 ,63	17/300 = 5,7 ,29
MOBRAL (não selec.)	0/13 = 0,0	24/742 = 3,2	15/240 = 6,3

Nota-se que o ápice está na faixa intermediária, exceto no *corpus* MOBRAL, onde há demasiadamente poucos dados na classe relativa aos mais velhos (um só, homem, que usou poucos possessivos).

Os resultados relativos à idade parecem evidenciar menor influência dessa variável do que a escolaridade. Se, entretanto, for examinado o número de falantes que empregam a forma *seu* por faixa etária, nota-se fortíssima correlação (Tabela 11 obtida com os dados do *corpus Censo*).

TABELA 11

Número de falantes do *Corpus Censo* que usam a forma *seu*.

Faixa Etária	Número de Falantes
mais de 50 anos	16/17 = 94,1%
26 a 49 anos	12/17 = 70,6%
15 a 25 anos	4/14 = 28,6%
7 a 14 anos	1/16 = 6,2%

4 - DISCUSSÃO

A variação entre os possessivos *seu* e *dele* na linguagem oral está fortemente correlacionada com as variáveis sociais sexo, idade e escolaridade. Serão discutidas aqui conjuntamente as variáveis sociais e as que dizem mais de perto respeito a "indefinição".

Ao ser examinada apenas a idade, tem-se a impressão de que o fenômeno está em rápida mudança, encaminhando-se para o uso da variante *dele*, já que os mais jovens usam pouco a forma *seu*.

Pelo contrário, ao ser examinado o grau de escolarização, tem-se a impressão de que, não menos rapidamente, o emprego da variante *seu* teria de ser maior à medida que as leis sobre obrigatoriedade escolar se tornassem mais severas.

Ao ser, entretanto, examinada a frequência geral da forma *dele* através do tempo desde o século XV até hoje, em Portugal e no Brasil (Silva, 1982), verifica-se que não houve alteração no que diz respeito à sua frequência na linguagem escrita (embora se tenha verificado séria mudança na relação das variáveis entre si).

É sedutora a hipótese de que, ao contrário da língua escrita, esteja havendo na língua oral uma mudança no sentido da variante *dele* superar a variante *seu*. Acreditamos que esteja realmente ocorrendo este fato, devido à presença da introdução da forma *você* no século XVIII, que destruturou todo o sistema pronominal, tornando, em particular, totalmente ambígua a forma *seu*. Entretanto, cocorrendo com uma evolução no tempo real, acreditamos que esteja principalmente havendo um fenômeno ligado ao tempo aparente.

Examinar-se-ão agora as frequências, não mais de *seu* ou *dele*, mas de *contextos* em que possuidores estejam com ou sem referência; abstratos em relação a concretos; indefinidos em relação aos definidos e genéricos em relação a específicos (Tabela 12).

TABELA 12
Contextos por NÍVEL de instrução.

	Alfabet. %	Prim. %	Gin. %	2º Grau %	Superior %
<i>Indef.</i>	57=6,2	7=2,0	9=4,1	10=4,6	60=17,6
<i>Def.</i>	925	353	217	218	340
<i>Sem ref.</i>	99=11,2	28=8,4	23=11,3	37=19,4	120=42,8
<i>Com ref.</i>	883	332	203	191	280
<i>Genér.</i>	47=5,0	31=9,4	11=5,1	35=18,1	92=29,9
<i>Espec.</i>	935	329	215	193	308
<i>Abst.</i>	0=0,0	2=0,5	5=2,3	4=1,8	21=5,5
<i>Concr.</i>	982	358	221	224	379

Observa-se que, embora os três primeiros graus de instrução estejam com resultados não significativamente diferentes, há nítida tendência a que o discurso adquira contornos menos definidos a partir do 2º Grau, aumentando bruscamente no curso superior. Pode-se arguir que o tipo de entrevista do NURC predispõe a um discurso de contorno menos terra-a-terra, menos concreto. Mas, em primeiro lugar, essa explicação não daria conta do aumento de indefinição entre ginásio e 2º Grau, já que as entrevistas desses dois foram realizadas exatamente com a mesma equipe, com idênticas diretivas. Em segundo lugar, se as entrevistas dos *corpora* MOBRAL e *Censo* são mais prosaicas, a responsabilidade não cabe inteiramente à condução da entrevista, mas sim ao entrevistado que nem

sempre “morde a isca” quando o assunto não lhe apetece. Vejamos, por exemplo, o esforço do entrevistador com uma alfabetizanda (Mar. 1º ent) para levá-la a se pronunciar sobre um fato geral:

- Você acredita em azar, Mar.?
- Eu acredito. Azar, eu acredito; sim.
- O que você acha que é uma pessoa azarenta?
- Ah! sei lá! eu mesmo tô azarenta.
- Quando uma pessoa tá com azar, o que acontece com ela?
- Acontece uma porção de coisa.
- Mas como?
- Muita coisa aí. Acontece.
- Tudo dá certo?
- Não, dá errado.
- E o contrário do azar? Você acredita na sorte também?
- Acredito na sorte. Nesse negócio, eu acredito.
- Você é uma pessoa de sorte ou azarada?
- Não, eu já tive tanta coisa boa.. (deslança finalmente quando a pergunta focaliza *you* para uma dissertação e narrativas sobre sortes pessoais).

Verificando agora o que ocorre com a idade, também foi examinada, não mais a variação entre os possessivos, mas sim, para cada faixa etária, a proporção de contextos indefinidos em relação aos definidos; dos sem referência em relação aos com referência; dos genéricos em relação aos específicos; e dos abstratos *versus* concretos. Essa análise foi realizada separadamente para os dois sexos, por ser freqüente a existência de diferenças entre eles. Os dados do *corpus* MOBREAL foram omitidos devido à má distribuição de nossa subamostra quanto a essas duas variáveis (Tabela 13).

O mérito dessa tabela é evidenciar que, ao contrário das mulheres, os homens têm o ápice de abstração, indefinição, etc. do seu discurso de 26 a 49 anos, coincidindo com sua maior inserção no mercado lingüístico (Bourdieu, 1972/77/80), enquanto as mulheres têm seu discurso mais abstrato à medida que envelhecem. Esses resultados concordam com os apresentados no *Relatório Censo* (1986, v. 1, p. 133) para outros fenômenos. Ao se examinar a soma das faixas de 25 a 49 anos e mais de 50 anos, cotejando-a com a faixa de 15 a 25 anos, ter-se-á um comportamento paralelo ao da variação entre *seu* e *dele*, isto é, ambas as faixas etárias de mais de 26 anos utilizam mais a forma *seu* do que as faixas com menos de 25 anos, com a faixa intermediária levemente mais alta, como se notou. Convém aqui lembrar a omissão da faixa de 7 a 14 anos (do *Censo*) por ser quase categórico o emprego da forma *dele* nessa idade. Examinaremos aqui os poucos casos discutíveis enunciados por crianças.

TABELA 13
Contextos por idade e sexo.

A - Homens				(mais de 26 a)
	15-25 a	26-49 a	mais de 50 a	
	%	%	%	%
<i>Indef.</i>	6=3,6	34=13,6	9=4,4	9,5
<i>Def.</i>	166	249	206	
<i>Sem ref.</i>	29=20,3	73=34,8	34=18,8	27,4
<i>Com ref.</i>	143	210	181	
<i>Gener.</i>	22=14,7	55=24,1	43=25,0	24,5
<i>Espec.</i>	150	228	172	
<i>Abstr.</i>	6=3,6	15=5,6	6=2,9	4,4
<i>Concr.</i>	166	268	209	
B - Mulheres				(mais de 26 a)
	15-25 a	26-49 a	mais de 50 a	
	%	%	%	%
<i>Indef.</i>	2=1,5	18=8,7	19=8,7	8,7
<i>Def.</i>	131	206	218	
<i>Sem ref.</i>	9=7,2	31=16,0	35=17,9	16,7
<i>Com ref.</i>	124	193	202	
<i>Gener.</i>	12=9,9	199,2	40=20,3	14,7
<i>Espec.</i>	121	205	197	
<i>Abstr.</i>	0=0,0	2=0,9	3=1,3	1,1
<i>Concr.</i>	133	222	234	

Em primeiro lugar, consideremos o dado de um rapazinho de 13: Porque Deus amou de tal maneira que deu seu filho unigênito (C55093)

Pena esse enunciado ser visivelmente decorado, pois permitiria exemplificar o fato de que Deus não entra na categoria de humanos como dizia o notável filólogo Meier (1948), que opinou “usar-se sempre *seu* para Deus, pois *dele* antropomorfizaria demasiadamente”.

O outro caso em que um jovem (aliás o mesmo) faz uso de *seu* é o seguinte, em que previsivelmente essa forma existe:

Tem gente que acha que sim, cada um tem sua opinião. (C55096)

Todos os demais contextos foram realizados com *dele*, embora haja 9 objetos e 2 outros que poderiam ser realizados com *seu* devido à combinação de seus fatores. No exemplo abaixo, em que a entrevistadora é

uma mulher, seria levemente ambígua a forma *seu*, que poderia aparecer em vista de ser o possuidor genérico:

Ah mas o dever da mulher não é isso, o dever *dela* é lavar louça, lavar roupa...
Em

E – Como é que você acha assim por exemplo *um cara que seja da alta* assim cheio de dinheiro porque *ele* tem tanta coisa?

F – Mas a vida dele não deve ser nada legal.(57142)

poderia ter ocorrido *seu* devido a “um cara” não ter referente (também seria considerado indefinido não fosse o subsequente *ele*).

Todos os demais 279 casos são humanos, concretos, com referência, específicos e formalmente definidos.

Quanto ao sexo, que não foi selecionado, embora as frequências tenham favorecido o uso da forma *seu* para homens, examinaremos as várias iterações para perceber com que variável houve superposição:

TABELA 14
Sexo com outros fatores

	Homens	Mulheres
Só sexo	.39	.61
Com escolaridade	.44	.56
Com forma do possuidor	.45	.55
Com traço [± animado]	.48	.52
Com referência	.52	.48
Com número	.52	.48
Com generalidade	.52	.48
Com abstração	.52	.48

Observa-se que as variáveis escolaridade de [± animado], ao serem cotejadas com a variável sexo, neutralizam sua influência. Reexaminando a Tabela 13, nota-se, a par do diferente comportamento entre homens e mulheres quanto ao mercado lingüístico, emprego nitidamente maior de indefinições, abstrações etc. por parte de homens, em todas as faixas etárias, devido, evidentemente, às diferenças com que a mulher é tratada em nossa cultura. Não há diferenças nas crianças, já que nenhum dos dois sexos usa a forma *seu*, o que é previsível, mas esperar-se-ia menos diferença entre os dois sexos da faixa de 15 a 25 anos, já que a educação de homens e mulheres tende a se aproximar entre os mais jovens.

Analisando o resultado da variável que diz respeito ao traço [± animado] do possuidor, viu-se que teria desempenho totalmente esperado, não fosse a menor probabilidade de possuidores animais apresentarem a forma *seu* que possuidores humanos, embora a porcentagem indi-

casse o contrário. Como é baixo o número de possuidores animais (17), e a maioria concentrou-se por acaso no NURC e no 2º Grau do *corpus Censo*, as iterações acusaram superposições com escolaridade. No mais, essa variável confirmou o comportamento em Silva (1982) em outros *corpora*. Insistimos quanto a essa variável, pois nitidamente houve mudança total do seu comportamento no século XVIII, já que antes inversamente se revelava.

5 – CONCLUSÕES

Verificou-se que a “definitude”, mais do que uma variável, é um conceito que encerra um conglomerado de componentes. É a imbricação desses componentes que oblitera sua influência quando estudada por meio não quantitativo.

O que esses dados demonstram também é que há forte tendência a que os homens mais instruídos e mais velhos manejem melhor um discurso “indefinido”, utilizem mais ambientes propícios à forma do que as mulheres menos instruídas e mais jovens. De forma alguma quer-se sugerir que esses últimos sujeitos sejam “menos bem dotados” ou “incapazes” de pensar abstratamente. Acharmos que a imaturidade quanto aos mais jovens, e as pressões ideológicas quanto às mulheres e menos instruídos, levam-nos a um discurso dêitico, mais vinculado ao aqui/agora, ao seu dia-a-dia, do que os homens mais velhos e mais instruídos, que manejam com certa versatilidade as categorias mais abstratas. A maturidade e principalmente a escola modificam bem esse manejo. Conquanto a variante *dele* não seja estigmatizada, não seja corrigida na escola (o que aliás foi mostrado em Silva, 1986, p. 98), a instituição, ao colocar o aluno principalmente do 2º Grau em contato com textos mais elaborados, seja álgebra ou outras matérias, desenvolve indiretamente (e talvez inconscientemente) sua capacidade de lidar com categorias abstratas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. & BOLANSKI, L. Le fétichisme de la langue. In: *ACTES DE LA RECHERCHE EN SCIENCES SOCIALES*. Paris: Maison des Sciences de l'homme, v. 4, p.2-32, 1975.
- CASTILHO, A. & PRETI, D. A linguagem culta na cidade de São Paulo. (Projeto NURC S. P.). São Paulo: TAQ/FAPESP, 1987.
- DU BOIS, J. W. Beyond definiteness: the trace of identity in discourse. In: CHAFFE, W. L. (Ed.) *The pear story: cognitive cultural and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *Tratado da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1965.

- JENSEN, John B. The feature [\pm human] as a constraint on the occurrence of third person subject pronouns in Spanish. *Hispania*, Worcester, American Association of Teachers of Spanish and Portuguese, v. 56, n. 1, p. 116-122, mar. 1973.
- MEIER, H. Sobre expressões de possessividade e sua história. *Boletim de Filologia*, Lisboa, Centro de Estudo Filológicos, v. 9, n. 1, p. 55-77, 1948.
- MOLLICA, M. C. de Magalhães. *O estudo da cópia nas construções relativas do português*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Rio de Janeiro: Departamento de Letras, PUCRJ, 1977.
- NARO, A. J. et al. *Relatório final de pesquisa: Subsídios sociolinguísticos do Projeto Censo à Educação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986. v. 2.
- OMENA, N. Pires de. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Rio de Janeiro: Departamento de Letras, PUCRJ, 1977.
- SEARLE, J. *Speech Acts: an essay in the philosophy of language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- SILVA, G. Machline de O. e. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Letras) – Rio de Janeiro: UFRJ, 1982.